

Excursão na Teologia Natural (Parte 7): O Argumento da Contingência 3/3

Seção 04 / Aula 07

Autor: William Lane Craig

Publicado no YouTube: 03/06/2024, 21:07:45 (horário de São Paulo)

Aula original: 2015-10-01

[Assistir à aula no YouTube](#)

[Acessar o Curso Defensores - Seção 04](#)

Transcrição da versão em português a partir da legenda da aula. Revisão: 20/10/2026.

O universo como ser necessário?

Agora examinamos os dois argumentos ou, desculpe, agora examinamos as duas premissas do argumento da contingência para a existência de Deus que estão em disputa. E essas eram, como você deve lembrar, que tudo o que existe tem uma explicação para sua existência seja pela necessidade de sua própria natureza ou por alguma causa externa, ou, mais simplesmente, eu disse que podemos reformular isso como "tudo o que é contingente tem uma explicação para sua existência." E então ofereci uma defesa da segunda premissa de que se o universo tem uma explicação para sua existência, essa explicação é Deus. E novamente, se você achar essa premissa muito chocante para o seu gosto, isso pode ser reformulado também para uma premissa mais modesta.

Você pode reformular isso como "se o universo tem uma explicação para sua existência, então essa explicação é um ser pessoal transcendente." Você não precisa chamá-lo de Deus se não quiser, mas isso será um ser pessoal transcendente e metafisicamente necessário que criou o universo. E então a defesa que você daria da premissa seria semelhante. Acho que temos bons motivos para pensar que essas duas premissas são verdadeiras, e portanto, se o universo existe ele tem sua explicação ou fundamento em um ser metafisicamente necessário e transcendente. O que o ateu pode fazer neste ponto? Acho que ele tem uma última opção disponível, embora seja uma opção radical. Ele pode recuar, retirar sua objeção à premissa (1), e em vez disso admitir que, sim, o universo tem uma explicação para sua existência.

Mas, ele pode dizer, essa explicação é: o universo existe por uma necessidade de sua própria natureza. O ateu pode considerar o universo como um tipo de substituto de Deus. É o ser metafisicamente necessário que explica por que tudo o mais existe. Para o ateu, o universo poderia ser uma espécie de substituto de Deus como o ser metafisicamente necessário que fundamenta a existência de tudo o mais. Agora, isso seria um passo muito radical para o ateu tomar. Na verdade, não consigo pensar em nenhum filósofo ateu contemporâneo que diga tal coisa. Há alguns anos eu estava participando de uma conferência sobre a Filosofia do Tempo no City College em Santa Bárbara. Eu pensei que o Professor Adolf Grünbaum, que estava falando na conferência e é um filósofo ateu vociferante, estava flertando com essa ideia – de que o universo existe necessariamente.

Mas quando levantei a questão se ele pensava que o universo existia necessariamente, ele ficou muito indignado com a sugestão. "Claro que não!" ele disse e continuou a dizer a linha típica de que o universo simplesmente existe inexplicavelmente. É contingente, mas simplesmente não

tem explicação para sua existência. A razão pela qual os ateus não têm sido ansiosos para abraçar essa fuga do argumento, eu acho, é bastante óbvia. Quando você olha para o universo, nenhuma das coisas que compõem o universo parecem existir necessariamente, se estamos falando sobre planetas, poeira intergaláctica, radiação, estrelas ou galáxias. Nenhuma dessas coisas parece existir necessariamente. Todas elas parecem ser contingentes. Todas elas poderiam não existir. Na verdade, em um ponto no passado, quando o universo era muito denso e muito quente, nenhuma delas existia.

Então, essas coisas não existem necessariamente, e o universo é apenas a coleção de todas essas coisas. Parece que o universo não existe necessariamente. Então, os ateus não têm sido ansiosos para tentar adotar essa rota de fuga do argumento.

A matéria, os quarks e a identidade do universo

Alguém pode dizer em resposta a isso: concedido que todas as coisas no universo são contingentes, no entanto, e quanto à matéria de que são feitas? Talvez a própria matéria exista necessariamente, e apenas tome essas diferentes configurações contingentes. Todas essas diferentes configurações de matéria – como estrelas, e planetas, e galáxias – são contingentes, mas a própria matéria é necessariamente existente. Acho que o problema com essa sugestão é que, de acordo com o modelo padrão da física subatômica, a matéria é composta de partículas fundamentais minúsculas, como quarks e elétrons. E todas as coisas no universo são feitas dessas partículas fundamentais minúsculas. Na verdade, o universo é apenas a coleção de todas essas partículas arranjadas de diferentes maneiras. Vamos nos concentrar nos quarks e falar sobre eles.

Não poderia uma coleção de quarks diferentes ter existido em vez da coleção que realmente existe? Cada um desses quarks existe necessariamente? Bem, parece loucura pensar que cada quark no universo existe por uma necessidade de sua própria natureza de modo que não poderia haver menos quarks ou não poderia haver mais quarks ou quarks diferentes. Esta é a única coleção de quarks que poderia ter existido. Isso parece loucura. Observe o que o ateu não pode dizer neste ponto. Ele não pode dizer que todos esses quarks são apenas diferentes configurações de matéria, e que poderiam ser diferentes mas a própria matéria existe necessariamente. Ele não pode dizer isso porque os quarks não são feitos de nada mais. Eles são apenas as unidades fundamentais de matéria. Então, se o quark não existe, a matéria não existe. Os quarks não são compostos de nada mais.

Eles são apenas as unidades fundamentais de matéria. Sem os quarks, não haveria matéria. Mas então parece óbvio que uma coleção diferente de quarks poderia ter existido em vez da coleção que realmente existe. Se esse fosse o caso – suponha que uma coleção diferente de quarks tivesse existido – eu acho que então você concluiria que um universo diferente poderia ter existido. Se uma coleção diferente de quarks pudesse ter existido, um universo diferente poderia ter existido. Agora, para ver este ponto, quero convidá-lo a pensar sobre os sapatos que você está usando agora. Pense sobre os sapatos que você está usando. Esses sapatos poderiam ser feitos de aço em vez do que são feitos? Certamente você poderia ter um par de sapatos de aço que fossem do mesmo formato e tamanho que os sapatos que você está usando, mas seriam os mesmos sapatos?

Ou não seria um par diferente de sapatos – um par de sapatos de aço? Os sapatos que você está usando poderiam ser feitos de aço? Acho que a resposta é obviamente não. Eles seriam um par diferente de sapatos, não os sapatos que você está usando. O mesmo seria verdadeiro para o universo. Um universo composto de quarks diferentes não seria o mesmo universo mesmo que todos esses quarks fossem arranjados exatamente da mesma maneira de modo que os mesmos objetos macroscópicos existissem, seria um universo diferente porque é composto de uma coleção diferente de quarks. Alguém pode objetar neste ponto – espere um minuto, pode se dizer, a matéria no meu corpo é completamente reciclada a cada vários anos de modo que as moléculas ou partículas que tenho no meu corpo hoje não são as mesmas que eu tinha, digamos, quando eu era um menino e ainda assim eu sou a mesma pessoa.

Eu permaneço idêntico, embora toda a matéria no meu corpo seja completamente recirculada e não haja nenhuma das partículas no meu corpo agora que costumava estar lá. Então, eles podem dizer analogamente que um universo poderia ser idêntico em diferentes mundos possíveis embora seja composto de uma coleção totalmente diferente de quarks. Acho que essas duas situações não são análogas, no entanto. A desanalogia crucial é que a diferença entre mundos possíveis não envolve nenhum tipo de mudança intrínseca. Não há um sujeito duradouro que passa por uma mudança de um estado para outro, enquanto no meu corpo há um sujeito duradouro que passa por uma mudança intrínseca. Portanto, comparar diferentes universos em diferentes mundos possíveis seria mais como comparar corpos humanos que não têm nenhuma conexão entre si e são feitos de matéria diferente.

Nesse caso, acho que você diria que não é o mesmo corpo. Estes são corpos diferentes porque um não se transforma no outro como o meu corpo de menino se transformou no meu corpo de adulto. No caso em que não há mudança intrínseca e há matéria completamente diferente compondo o objeto, você teria dois objetos. Você teria dois corpos humanos. Da mesma forma, você teria dois universos. Agora, há alguma discussão sobre esse ponto sobre por que é plausível pensar que o universo não é metafisicamente necessário?

Discussão: panteísmo e causa pessoal

Estudante: Estou pensando em Spinoza. Você acha que ele teria enfrentado isso e dito que sim? Você tem alguma ideia de qual resposta ele poderia ter? Dr. Craig: Sim, é por isso que eu disse nenhum ateu contemporâneo. Ele está apontando para o filósofo holandês do século XVII Benedict de Spinoza que acreditava que o universo é uma espécie de substituto de Deus. Ele cunhou a famosa frase Deus sive natura – Deus ou Natureza. Ele considerava o universo como Deus e existia com necessidade metafísica. Você está certo. Houve pessoas assim, mas não consigo pensar em ninguém na cena contemporânea que defenderia o Espinosismo ou essa alternativa. Onde você encontraria isso, acho, seria talvez em religiões panteístas – alguma forma de hinduísmo ou budismo. Embora lá geralmente pensem que o universo é ilusório, não que seja necessário. Mas eu poderia imaginar um panteísta dizendo algo assim.

Mas você não encontrará isso entre seu típico ateu naturalista ocidental. A resposta, acho, seria exatamente o que eu dei. Eu acho que, dado o fato de que o universo é composto dessa coleção de partículas fundamentais, pareceria completamente implausível dizer que cada quark no universo existe por uma necessidade metafísica de sua própria natureza. Isso, para mim, é totalmente implausível. Aluno: Eu estava tendo um problema com o que você estava dizendo no

começo enquanto você reintroduzia o material – desculpe trazer isso novamente, não sei se você já se moveu além disso – mas a parte pessoal do que você está dizendo que o Criador do universo deve ser. Eu não entendi isso nas semanas anteriores. Dr. Craig: Certo. Amy me perguntou sobre isso depois da aula outro dia.

O argumento lá era que chegamos a um ser que está além do espaço e do tempo, além da matéria e da energia, porque é a causa ou explicação da existência do universo. Então, isso tem que ser um ser imaterial, sem espaço, atemporal, necessário metafisicamente. Se você se perguntar – o que poderia possivelmente preencher essa descrição (algo que é sem espaço, imaterial, atemporal, necessário metafisicamente) – parece-me que há apenas duas coisas que eu poderia pensar que poderiam possivelmente se encaixar nessa descrição: ou um objeto abstrato (como um número ou outro objeto matemático) ou então uma mente sem corpo ou consciência. Uma mente sem corpo poderia ser imaterial, atemporal, sem espaço e metafisicamente necessária. Mas aqui está o problema. Objetos abstratos não estão em relações causais.

É definitivo do que é ser um objeto abstrato – é causalmente ineficaz, impotente causalmente e não tem poderes causais. Portanto, a causa do universo não pode ser um objeto abstrato, e, portanto, pela lógica, segue-se que deve ser uma mente ou consciência sem corpo. Aluno: Ok, eu acho... Dr. Craig: Ou pessoa. Aluno: O que você quer dizer por "pessoa?" Você quer dizer que tem as características de uma pessoa, ou você quer dizer que realmente tem interação pessoal? Dr. Craig: Por "pessoa" eu quero dizer "uma mente" - um indivíduo autoconsciente dotado de intelecto, autoconsciência e vontade. Na verdade, há outra argumentação muito boa para a personalidade dessa primeira causa que talvez eu compartilhe com você que foi sugerida por um de meus alunos em Talbot na aula.

Ele apontou: "Como você passa de uma causa necessariamente existente para um objeto contingente como o universo?" Se a causa é uma impessoal, uma espécie de conjunto de condições necessárias e suficientes mecanicamente operando, então se a causa está necessariamente lá e é suficiente para seu efeito, o efeito deveria estar lá necessariamente também. Então, se você tem um ser necessário como sua causa, você terá o efeito existindo necessariamente embora dependente da causa. Como você obtém um efeito contingente de uma causa necessária? Acho que a resposta é: se a causa for uma agente pessoal dotado de liberdade de vontade que pode escolher livremente criar um efeito contingente. Então, voltar a um agente pessoal e apelar à causação do agente permitirá explicar como você obtém um efeito contingente como o universo de uma causa necessariamente existente. Acho que este é um ótimo argumento.

Eu realmente gosto deste argumento para a personalidade da primeira causa. Isso nos dá dois argumentos independentes para a personalidade da primeira causa; ou seja, o argumento das propriedades que ela deve ter sendo imaterial, sem espaço, atemporal, etc, e então o outro argumento de como você passa de uma causa necessária para um efeito contingente. Eu acho que há boas razões para pensar que a segunda premissa é verdadeira totalmente independente do fato de que, como eu disse, é virtualmente sinônima ao que o próprio ateu diz. Lembre-se de que falamos sobre como o ateu geralmente diz que, se o ateísmo for verdadeiro, o universo não tem explicação para sua existência, o que é logicamente equivalente a dizer que, se o universo

tem uma explicação para sua existência, então o ateísmo não é verdadeiro. Isso é dizer, Deus existe.

Então, acho que isso torna a segunda premissa muito plausível de fato. Aluno: Quero fazer uma visão antagonista, e isso é se matéria e energia são intercambiáveis não podemos pensar nessa necessidade como uma energia que é convertida de volta em matéria nessa relação? Dr. Craig: Eu acho que talvez o que o não-teísta poderia fazer aqui seria dizer que esses quarks fundamentais ou essas partículas fundamentais são diferentes configurações de campos físicos quânticos subjacentes, e que isso é o que está por trás dessas partículas que aparecem de maneiras diferentes. Isso seria uma resposta interessante, eu acho. Mas então exigiria que você dissesse que esses campos quânticos existem necessariamente, e novamente isso simplesmente não parece ser verdade que essas coisas têm necessidade metafísica. Elas parecem ser contingentes. Vou reforçar isso em apenas mais um momento com meu próximo ponto.

Aluno: Você classificaria energia como o atemporal, imaterial... Dr. Craig: Oh, não, não. Isso é claramente algo que existe no espaço e no tempo, e como você disse, pode ser convertido em matéria e matéria de volta em energia. Essa é a famosa equação de Einstein, $E=mc^2$. Então, energia e matéria seriam quantidades conversíveis. Aluno: Se você tivesse uma consciência como necessária, como eles fazem no panteísmo, ela não se reflete exceto em outros deuses e manifestações. Ela não se mostra causalmente também. Você rejeitaria algum tipo de consciência universal. Dr. Craig: Quero dizer, no hinduísmo, por exemplo, esses deuses não são a realidade última. A realidade última é impessoal, sem propriedades, não pode ser caracterizada.

Então, esses deuses como Shiva e Vishnu e assim por diante são apenas, em certo sentido, ilusórios manifestações desse absoluto impessoal – eles não são a realidade última. Tudo bem.

Outras substâncias e leis possíveis

O que argumentei aqui é que é implausível pensar que o universo existe necessariamente. Por quê? Porque é feito de coisas que são obviamente contingentes – coisas como quarks e elétrons. A alegação que estou fazendo aqui, eu acho, se torna ainda mais óbvia quando refletimos sobre o fato que parece totalmente possível que os blocos de construção fundamentais da natureza poderiam ter sido substâncias bem diferentes de quarks e elétrons, e assim caracterizados por um conjunto completamente diferente de leis da natureza.

Mesmo que você diga que as leis da natureza são metafisicamente necessárias, que esta é a única maneira que quarks e elétrons poderiam ter se comportado, ainda assim as leis da natureza poderiam ter sido diferentes porque poderiam haver substâncias diferentes dos quarks que existem dotadas de diferentes disposições e diferentes propriedades de modo que você teria um conjunto completamente diferente de leis da natureza. Não há razão para pensar que apenas quarks são possíveis e que não poderiam ter existido outros tipos de partículas em vez de quarks, e que, portanto, poderia ter havido um universo completamente diferente. Eu acho que seria totalmente implausível dizer que seria o mesmo universo. Seria como dizer que um painel de vidro, uma janela de vidro, poderia manter sua identidade se tivesse sido feito de aço em vez disso. Isso parece obviamente absurdo.

Isso não seria a mesma janela se fosse feita de aço em vez de vidro. Então, eu acho que temos bons motivos para pensar que em virtude de sua composição ou constituição que o universo não existe necessariamente de forma metafísica. É provavelmente por isso que muito poucos, se houver algum, ateus contemporâneos apelam a isso para tentar escapar do argumento. Algum outro comentário sobre essa defesa?

Eternidade e começo do universo

Aluno: Eu tenho uma pergunta sobre eternidade passada e necessidade. Carl Sagan, na frase de abertura de Cosmos que é bastante famosa, essencialmente substituiu João 1:1 com "O Cosmos é tudo o que sempre foi, tudo o que sempre é e tudo o que sempre será." Estou apenas me perguntando se um ateu faz a afirmação de que o universo tem um estado de eternidade passada, isso é essencialmente reivindicar necessidade para ele? Eu não sei tudo, estou me perguntando sobre essa relação. Dr. Craig: Falamos sobre isso algumas vezes na aula. Tentei apontar que apenas tornar o universo eterno passado não o torna necessário. Acho que a maneira mais fácil de ver isso é imaginar que o universo é eterno passado. Ok? Imagine que o universo nunca começou a existir. Não seria logicamente possível que o nosso universo existisse em vez disso?

Bem, é claro que seria porque sabemos que este universo é logicamente possível. Existimos nele. É real. Se, em um universo eterno, é logicamente possível que poderia haver o nosso universo em vez disso, segue-se que aquele universo eterno não existe necessariamente. Ele existe contingentemente e poderia haver um universo diferente em vez disso. O argumento de Leibniz é totalmente independente se o passado do universo é eterno ou teve um começo. Seu ponto faz uma transição muito boa para o próximo ponto que eu queria fazer, e essa é uma segunda razão para pensar que o universo não existe por necessidade de sua própria natureza é o fato de que parece ter começado a existir. Se algo existe necessariamente, então deve existir eternamente, porque se começa a existir, isso mostra que sua não existência é possível. Ele veio a existir.

Portanto, uma propriedade essencial de um ser necessariamente existente será sua eternidade – ser sem começo ou fim. Agora temos evidências bastante fortes de que o universo não é eterno no passado mas teve um começo que mostraria sua contingência. Isso nos leva ao próximo argumento que vamos discutir – o argumento cosmológico kalam – que se baseia no começo do universo. Como eu disse, quero tentar manter os argumentos o mais independentes possível porque então se forem independentes uns dos outros, você multiplica as probabilidades acumulando esses argumentos independentes em favor da existência de Deus. Acho que temos bons motivos para pensar que o universo não existe necessariamente, bastante independente de seu começo. Mas, no entanto, isso mostra como os argumentos se encaixam e se reforçam uns aos outros. Porque se o universo tem um começo, isso revela a contingência do universo.

Não só isso, mas revela que o universo é contingente de uma maneira muito especial, ou seja, ele surgiu do nada. Sobre a existência de um universo eterno, ele ainda existiria contingentemente embora exista eternamente, mas para o universo existir contingentemente e ter um começo parece ser apenas duplamente absurdo porque agora ele surge sem qualquer explicação do nada^[2]. Posso imaginar dar ao ateu uma "chance" e dizer, sim, se o universo é eterno, se ele sempre existiu, ele não tem causa, mas uma vez que você diz que o universo teve

um começo e surgiu então parece completamente implausível pensar que não há explicação para a existência do universo. O argumento cosmológico kalam poderosamente reforça o argumento da contingência mostrando ou sublinhando a contingência do universo de uma maneira muito especial.

Mesmo que o universo seja eterno, ele é contingente – mas se ele teve um começo isso apenas torna sua contingência ainda mais óbvia, e a necessidade de uma explicação chama ainda mais atenção. Como eu disse, os ateus não têm sido ansiosos para afirmar que o universo existe com qualquer tipo de necessidade metafísica. Em vez disso, a resposta típica a este argumento é simplesmente cometer a "Falácia do Taxista" e dizer que o princípio da razão suficiente se aplica a tudo no universo mas não se aplica ao próprio universo. O universo simplesmente existe sem nenhuma explicação, o que acho arbitrário e ad hoc. Tudo bem.

Discussão final e indicações de leitura

Algum comentário final ou discussão sobre este argumento? Sim, ali. Aluno: Eu conversei com meu irmão ontem um pouco e tive alguns pensamentos. Eu estava apenas pensando sobre toda essa coisa. Lembro-me do debate que você teve com Lawrence Krauss. Isso meio que me fez dizer que ele é provavelmente o melhor ateu que já existiu, porque ele quer provar que tudo simplesmente surgiu do nada. A razão pela qual quero dizer isso é porque meu irmão estava dizendo qual é o oposto de Deus? O pensamento que quero dizer é que é o diabo. Mas não é o oposto de Deus porque Deus o criou e lhe dá habilidades e tudo mais. A maneira como o cristianismo vê Deus é que Deus é tudo – todo-poderoso, e assim por diante. Dr. Craig: O cristianismo não pensa que Deus é tudo, certo? Isso é panteísmo. Estudante: Deus criou tudo. Dr. Craig: Certo, isso é muito diferente! Aluno: Um ser máximo.

O oposto de Deus, ele estava dizendo, é nada. É por isso que acredito que é onde o ateu deve ficar – que as coisas surgiram do nada. Dr. Craig: Deixe-me apenas dizer que é difícil saber o que uma pessoa quer dizer quando fala sobre o oposto de um ser. Acho que seu exemplo do diabo mostra que uma pessoa poderia estar pensando no oposto em termos de suas qualidades morais. Em certo sentido, os seres contingentes são o oposto de Deus porque ele existe necessariamente e independentemente; nós existimos contingentemente e dependentemente. Então, em certo sentido, isso é o oposto de Deus. Mas no sentido de que Deus existe, posso ver por que ele diria que o oposto disso é que nada existe. Aluno: O ateu não pode adotar essa abordagem dizendo que a contingência é o oposto de Deus. O ateu tem que ficar com nada. Essa é toda a sua base, acho eu. Dr.

Craig: OK, acho que talvez eu esteja entendendo mais o que você está dizendo. Quando você diz o oposto de Deus, você quer dizer qual é a explicação alternativa a Deus, em certo sentido. Certo? Acho que isso é o que você está dizendo. Qual é a alternativa? E, certo, a alternativa parece ser dizer que não há explicação para a existência do universo. No caso de alguém que pensa que o universo começou a existir (como Krauss) isso significaria que o universo simplesmente surgiu do nada, o que ele afirma. Mas devo dizer que ele realmente não quer dizer isso. Ele sabe que na física o estado de vácuo, ou esses estados que não têm espaço-tempo clássico neles, são estados físicos descritos pelas leis da natureza. Krauss dirá coisas como "nada realmente pesa algo," "tudo é quase nada." Ele faz todos os tipos de declarações autocontraditórias.

Ele está usando a palavra "nada" de uma maneira que é cientificamente enganosa para a física. É uma forma coloquial de falar que não é precisa. Ele está falando sobre estados em que o nosso espaço-tempo relativístico geral não existe, mas ainda é um estado do universo. Será um estado muito precoce do universo em que esses tipos de estruturas ainda não surgiram. Mas não é nada no sentido de não-ser ou "não qualquer coisa." Portanto, é realmente um uso grosseiro da linguagem e, francamente, acho uma deturpação deliberada da ciência. Aluno: Acho que isso é mais uma nota final, mas para estudo adicional ao olhar para o trabalho de Leibniz, ele escreveu em alemão, francês e latim (infelizmente não em inglês). Ele escreveu sobre dezenas, se não centenas de assuntos. Ele escreveu milhares e milhares de páginas.

Não parece que para esse tipo de discussão haja um único trabalho representativo que eu poderia identificar para dizer que seria interessante voltar e ler o que ele escreveu sobre isso. Há uma certa edição? O que realmente precisamos é do Leibniz simplificado de William Lane Craig. Dr. Craig: Já existem esses livros. Fico feliz por você ter feito a pergunta. Há um volume muito bom chamado Seleções de Leibniz que inclui todas essas obras selecionadas de que falamos. Não tenho certeza, mas acho que é editado por Philip Wiener. Ele incluirá todas essas. Agora, você diz, onde vou conseguir uma cópia das Seleções de Leibniz? Você vai à biblioteca East Cobb e encomenda pelo empréstimo interbibliotecas. Este é um tesouro inexplorado de coisas. Raramente compro livros. Vou ao empréstimo interbibliotecas e pego tudo aqui na pequena biblioteca de East Cobb.

Por exemplo, na semana passada eu estive lendo a teologia sistemática em três volumes de Francis Turretin, que era um teólogo reformado suíço do século XVII, chamado Institutas de Teologia Elenctica. E eles me conseguiram isso na biblioteca de East Cobb no empréstimo interbibliotecas! Na semana anterior, eles me conseguiram um livro de L. W. Grensted chamado Uma Breve História da Expição que foi publicado em 1905 ou algo assim^[1]. Eles conseguirão tudo isso de graça! É de graça! Então não há desculpa. Use sua biblioteca local. Este é um recurso inexplorado que a maioria das pessoas não conhece. Então, obrigado por essa pergunta porque é assim que você pode obter essas coisas. Estudante: Há também (eu acabei de procurar no Amazon) uma cópia por 41 centavos com frete de 3,99! Dr. Craig: Compre! Foi Wiener quem editou? Estudante: Sim. Dr. Craig: Excelente!

Conclusão e bênção

Tudo bem, estamos sem tempo. Deixe-me encerrar com nossa. Deixe-me apenas dizer, a título de conclusão para este argumento, dada a verdade das três premissas, a conclusão segue logicamente: Deus é a explicação da existência do universo. Este argumento nos dá um conceito muito rico de Deus: uma mente desencarnada e não causada que transcende o universo físico e até mesmo o espaço e o tempo em si mesmos e existe com uma necessidade metafísica de sua própria natureza. Este é um conceito exaltado de Deus. Vamos inclinar nossas cabeças para uma bênção. "A graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja com o espírito de vocês, irmãos. Amém!"

Referências

William Lane Craig. Lecture 7: Another Objection to the Contingency Argument. Defenders 3, Excursus on Natural Theology. Reasonable Faith, 2015. PDF oficial, p. 60–69.

Bíblia Sagrada, Nova Almeida Atualizada. Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

Gottfried Wilhelm Leibniz. Leibniz Selections, edição atribuída na discussão a Philip Wiener; edição/ano não confirmados pela aula.

Francis Turretin. Institutes of Elenctic Theology (três volumes), mencionado na discussão.

L. W. Grensted. A Short History of the Atonement, mencionado na discussão; a data aproximada dita pelo professor foi preservada no corpo.

Carl Sagan. Cosmos, frase de abertura citada pelo aluno, como citação de Sagan e não como redação bíblica NAA.

Notas editoriais da revisão

[1] A data aproximada de A Short History of the Atonement foi mantida como fala do professor, pois a mesma aproximação consta no inglês local e no PDF oficial p.68. Não se apresenta como conferência bibliográfica externa.

[2] O período sobre um universo contingente com começo ser duplamente absurdo tem o mesmo caráter elíptico no original oficial p.66. Preservada a fala, que segue discutindo a alternativa ateísta, sem acrescentar palavras interpretativas ao corpo.

Créditos e fontes

Autoria: William Lane Craig. Publicação original: Reasonable Faith.

Conteúdo original: © 2015 William Lane Craig.

Tradução e edição em português: Fé Razoável. Revisão: 20/10/2026.

Fonte original: <https://www.reasonablefaith.org/podcasts/defenders-podcast-series-3/s3-excursus-on-natural-theology/excursus-on-natural-theology-part-7/>

Aula em português: <https://ferazoavel.com.br/defensores-teologia-natural-parte-7/>